



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UNICEUB  
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS - FASA

Rafania de Almeida Silva  
RA: 20264250

**Mídia Sensacionalista: O Sangue dos excluídos como fonte  
de sucesso do Jornal *Na Polícia e Nas Ruas***

Brasília  
Junho, 2006

Rafania de Almeida Silva  
RA: 20264250

**Mídia Sensacionalista: O sangue dos excluídos como fonte  
de sucesso do Jornal *Na Polícia e Nas Ruas***

Monografia apresentada ao Centro Universitário de  
Brasília, como requisito parcial para obtenção do  
título de Bacharel em Comunicação Social com  
habilitação em Jornalismo.

Orientador: Prof<sup>o</sup>. Luiz Cláudio Ferreira.

Brasília  
Junho, 2006

Rafania de Almeida Silva  
RA: 20264250

**Análise crítica do jornal semanal *Na Polícia e Nas Ruas* que  
ao mostrar cadáveres, sangue e crimes em suas páginas  
alcançou a vendagem de 30 mil exemplares por edição em  
6 meses**

Monografia apresentada ao Centro Universitário de  
Brasília, como requisito parcial para obtenção do  
título de Bacharel em Comunicação Social com  
habilitação em Jornalismo.  
Orientador: Prof.º. Luiz Cláudio Ferreira.

**Brasília, 16 de junho de 2006.**

**Banca Examinadora**

---

Prof.º. Luiz Cláudio Ferreira  
Orientador

---

Prof.º. Marcelo Moura  
Examinador

---

Prof.º. Lunde Braghini  
Examinador

*Aos meus pais, Rafael Severino e  
Tânia Almeida, que depositaram toda sua  
confiança em mim e fizeram de seu  
sangue a fonte de abastecimento da  
minha vitória.*



## **AGRADECIMENTO**

*A Deus e Nossa Senhora, que guiaram meu conhecimento;*

*Ao meu irmão, sábio incompreendido;*

*A Ananda, Carlos, Caroline, Monyke, Danyelle, Bruno, Priscila, Ayrlan e Fontinely pelas preocupações e colaborações, amigos incondicionais, força de todos os momentos;*

*A Ana Paula, Carine, Malu e Nilson, amigos profissionais que mesmo em fase de aprendizado, se preocuparam em fazer de seus conhecimentos meus ensinamentos.*

*Ao profº. Luiz Cláudio Ferreira, orientador, amigo e mestre que se engajou no processo de produção deste trabalho, e, além da confiança em minha capacidade, soube ser compreensivo e companheiro nos momentos de dificuldade.*

*A todos que colaboraram indiretamente com a realização deste trabalho, amigos, colegas, mestres, professores, companheiros e fontes. Todos foram fundamentais neste processo.*

“Ter problemas na vida é inevitável, ser derrotado por eles é opcional”

Roger Crawford

## RESUMO

Este trabalho versa sobre o jornal *Na Polícia e nas Ruas* que, no ano de 2006, tornou-se a grande sensação de vendas do Distrito Federal. No ano de 2006, poucos meses depois de começar a circular, o semanário já vendia 30 mil exemplares.

Sucesso amparado numa fórmula pouco original: sangue, mortes, cadáveres, linguagem coloquial e exploração da imagem de cidadãos. A autora deste trabalho, sob o pretexto de entender a produção do veículo, conviveu com as pessoas responsáveis pelo jornal. Apenas um é jornalista formado. Além disso, analisa o conteúdo dessa publicação que faz a alegria de quem vender e frustra todos aqueles que acreditam que o jornalismo deve servir à informação em prol da cidadania.

### **Palavras-Chave:**

Jornalismo Policial, Ética, Sensacionalismo, *Na Polícia e Nas Ruas*.



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 VIOLÊNCIA EM PAUTA .....	15
1.1 O popular sangrento.....	16
1.2 A imagem da morte .....	18
2 ÚNICO ESPECIALIZADO EM MATÉRIAS POLICIAIS DO DF.....	20
2.1 Um Jornal de 30 mil exemplares.....	21
2.2 Os furos.....	23
3 UM DIA COM A EQUIPE DO <i>NA POLÍCIA E NAS RUAS</i> .....	25
3.1 Cobertura.....	26
3.2 Relações.....	27
4 MUITOS CENTÍMETROS DE SANGUE E POUCO DE INFORMAÇÃO.....	28
5 A TRAGÉDIA COMO MATÉRIA- PRIMA.....	32
6 ÉTICA E PROFISSIONALISMO.....	34
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
REFERÊNCIAS .....	39

## Introdução

Enquanto muitos ainda pregam o fim do jornal impresso na era da internet, outros buscam alternativas para atrair mais leitores e, conseqüentemente mais compradores. O fato pode ser bom, mas preocupante. Até onde os profissionais da área podem chegar para conseguir o furo, chamar atenção para suas páginas, convencer o público de comprá-lo?

Em um ano, dentro de uma redação de jornal, como repórter, passei a observar o processo de produção da notícia. O lugar me serviu como uma segunda universidade, ou a principal, porque foi lá que constatei os fatos, desmistifiquei teorias, e como todo principiante, vi meus “sonhos jornalísticos” desmoronarem. Passei a amar e a odiar a profissão, mas pude aprender, com alguns dos melhores profissionais, a fórmula do jornalismo. Observei os processos de produção dos concorrentes e tirei minhas próprias conclusões. Fascinada pela investigação, importância e até mesmo adrenalina do jornalismo policial, passei a cobrir matérias, acompanhar colegas de trabalho e ouvir histórias. Presenciei casos, onde o papel da imprensa foi fundamental no trabalho da polícia. Mas também descobri que nem sempre essa é a intenção da empresa jornalística.

Nos jornais populares, é comum ver editores pregando em suas redações que mulheres nuas, futebol e tragédia são os responsáveis pelo aumento das vendas de um impresso. Convenhamos que dois são paixões nacionais. Mas por que aquilo que remete a dor, que causa sofrimento, que é feio aos olhos da humanidade pode ser de interesse do público? É curioso, mas é fato.

Ao parar e observar duas gazeteiras na Rodoviária do Plano Piloto é possível comprovar. Numa bancada feita com os jornais que vendem, cerca de 800, elas comercializam o produto à moda antiga, gritando as manchetes e chamadas da capa do impresso, anunciando o preço: “Doente Mental se atira da torre”, “Executado ‘cavalo do capeta’”, “Traficantes de haxixe vão para o ‘xilindró’”. Alguns nem pensam e levam para conferir o enunciado, outros param, hesitam, mas não resistem e acabam comprando. Em pouco tempo as duas deixam o local e comemoram a boa vendagem, pois ganham 30% em cima do que vendem.

O “produto” delas é um pouco diferente daquilo que os leitores estão acostumados a ver em bancas de revistas ou a receber pela manhã em suas casas. O impresso, chamado *Na Polícia e Nas Ruas*, um tablóide semanal,

popular, “único especializado em matérias policiais do Distrito Federal”, tornou-se, em pouco tempo, sucesso de vendas e passou a preocupar outras empresas jornalísticas, pois chegou a vender mais que alguns jornais que já estavam no mercado há muito mais tempo.

O que mais chama atenção no veículo não é o fato de ele tratar de assuntos criminais, mas sim a forma que ele o faz. Quem o compra não sai enganado. Logo na apresentação, na capa, vítimas e corpos são estampados sem o menor pudor. Com uma foto de um cadáver, em sua grande maioria de origem pobre, da periferia do DF, negros, rasgada na primeira página, e outras mais fortes em seu interior. O texto é menos valorizado, o forte do jornal é o conteúdo visual, chocante, sensacionalista e por muitas vezes “nojento” que traz com cada história.

O jornal, uma versão impressa do programa de rádio homônimo, chama atenção. Uns repudiam, enquanto outros até colecionam edições. Mas o que leva um leitor a deixar de comprar um informativo completo, com política, economia, esportes, e outros assuntos e optar por um veículo com pouca informação e muito sensacionalismo? Até onde um veículo pode abandonar os princípios éticos para conquistar seu público e aumentar a vendagem? Como é feita essa apuração? São apenas imagens ou o lado social, a pessoa estampada, as relações dela, a família, as histórias são levadas em consideração? Até onde o jornalismo policial pode chegar na busca e na divulgação da informação.

São estas respostas que este trabalho procura. Além de conhecer o *Na Polícia e nas Ruas*, o objetivo é mostrar o que seria esse jornalismo policial negligenciado por uns e aclamado por outros. Para muitos, o material nem mesmo pode ser considerado um informativo. Outros vêem nele a estampa da justiça, o fetiche pela tragédia, a curiosidade por aquilo que está distante, ou a proximidade com os relatos. É a provocação das edições contraditórias como citou Agrimani (1995).

Apesar de todo o conteúdo sensacionalista e chocante, mais pelas fotos que pelo texto, que por sinal é pouco, fraco, dotado de gírias e palavras comuns aos bandidos ou aos policiais, o jornal não saiu de circulação. Ao contrário, teve o número de exemplares ampliado várias vezes.

Voltado para classes mais baixas, cidades satélites e entorno do Distrito Federal, o jornal raramente fica encalhado nas prateleiras. Aos poucos vai ganhando espaço e conquistados um público mais diversificado. Em certos casos

até pauta outros jornais, que apesar disso, consideram o material de mau-gosto e antiético. O *Na Polícia e Nas Ruas* não foi o principal motivador, mas contribuiu, inclusive, para que jornais renomados da capital federal, ou em ascendência, criassem suas versões populares para poder atender a este público mais carente de cultura, valorizando mais a tragédia, acrescentando o fetiche sexual e os esportes, para baterem no concorrente.

Para saber como é feito esse jornalismo, quais os seus fundamentos e como ele alcançou esse recorde de vendas em tão pouco tempo, foram realizadas pesquisas e trabalhos teóricos e em campo, para conhecer mais a fundo a essência do material. O trabalho foi desenvolvido na experiência de dois dias acompanhando a equipe do *Na polícia e Nas Ruas*, na avaliação minuciosa de quatro edições e observação de outros exemplares, dos leitores e dos gazeteiros. Relatos de histórias, ligações, diagramação, entrevista e observações ajudam na conclusão deste trabalho, que visa desvendar alguns segredos do jornalismo policial, apaixonante para alguns, sensacionalista para outros. Foram consultadas, também, entidades responsáveis pela regulamentação da profissão e dos veículos. Além da coleta do material bibliográfico, foi desenvolvido um trabalho de análise da cobertura policial do impresso.

Acompanhar e ouvir relatos da equipe sobre a manutenção de relações promíscuas da mídia com órgãos de segurança pública, encontrar as várias formas desumanas de tratamento de vítimas, ainda que fossem assassinos e bandidos, ver um veículo negligenciar as diversas versões de um fato e arriscar-se a assumir o papel de “justiceiro” e tentar passar a imagem de herói, responsável pela resolução dos casos.

Em relatos, será possível comprovar atitudes de um verdadeiro formador de opinião, que, ao mesmo tempo que informa, transforma a mente de seus leitores, produzindo a informação de forma que torne-a mais “atrativa” aos olhos do público.

Na avaliação de cada matéria dos quatro exemplares, pode ser observada a voz que é dada a cada personagem, ou na maioria dos casos, a que não é dada, as versões, a valorização da narração policial, a falta de investigação, a exposição de vítimas, a construção do texto, a omissão de fatos, a repercussão e a relevância da fotografia em cada caso.

A meta é ver, como avaliou Agrimani (1995), a forma como este jornal faz da morte, sempre, o assunto de capa, “como se rendesse um culto diário e fetichizado à morte”.

## 1 - Violência em pauta

Aniyar de Castro (apud Ramos, 1994) avaliou que “o sexo, o esporte e o crime são os grandes vendedores de jornais”. Estes seriam, segundo ela, os atrativos dos veículos de comunicação fundamentalmente voltados para as classes mais baixas, “atraídas pelas notícias delitivas”. Especialmente no caos do crime, onde esses leitores costumam se identificar com os personagens ali citados.

Esse tipo de notícias são as primeiras lidas pelas classes populares. E isso tem um sentido: é muito difícil, para uma população desinformada, acompanhar os tortuosos caminhos de renegociação da dívida externa, por exemplo, ou os movimentos do mercado cambial ou os perigos do armamentismo. Para isso é necessária uma cultura muito especializada, voltada para este outro tipo de notícia. (ANIYAR, apud RAMOS, 1994, p.88)

Tal fenômeno, Aniyar denomina “fragmentação da realidade”. Os fatos são descontextualizados, não vêm acompanhados de uma explicação e dão apresentados como uma “avalanche de informações”. Esta é a forma como os crimes e a violência costumam ser colocados em jornais populares. A eles não importa atitudes, motivações, dados e propostas, apenas o crime em si. Impõe-se uma realidade “esvaziada de significado”.

A notícia reforça as normas sociais estabelecidas, diminui o tempo de reação e dá a ilusão de participação ao espectador. O processo de construção de notícias, portanto, homogeneiza o conteúdo, padroniza o público, cria estereótipos e forma mitos. (ANIYAR, apud RAMOS, 1994, p.92)

A partir do ato de estereotipar leitores e indivíduos, essa mídia desenvolve o que Aniyar definiu como “medo em toda uma classe social” resultando no sentimento de insegurança, nestas ditas classes menos favorecidas. “Desta forma, evidentemente, são coroados estereótipos diferenciados e a noção de ‘delinquência’ se constrói”.<sup>1</sup>

Dado o processo, Batista (apud Ramos, 1994) avalia um autor de um fato violento, integrante de alguma minoria, “objeto de preconceito ou marginalização social (homossexuais, egressos da prisão, drogadictos etc.)”, terá sua origem e

---

<sup>1</sup> Aniyar considera delinquência como uma construção social e simbólica. O fenômeno se dá na medida em que “os estereótipos associados à ‘maldade’ e ao ‘perigo’ são identificados com pessoas pertencentes às classes baixas”. Iniciado este processo, Aniyar avalia que, “a solidariedade intraclasses”, torna-se facilmente quebrável.

frequentemente realizada, mesmo que ela não justifique ou não se relacione, de qualquer modo, ao episódio em questão.

Episódios de violência que tenham como protagonistas integrantes de grupos sociais rotulados como criminais (classes perigosas) obterão sempre maior espaço que os episódios que envolvam protagonistas socialmente integrados, independentemente do dano social reproduzido pelas respectivas incidências. As exceções cumprem a função ideológica de simular uma falsa igualdade perante a lei e o sistema penal. (BATISTA, apud RAMOS, 1994, P. 105-106)

Nesse ponto, da banalização, do estereótipo e do tratamento que a mídia dá à violência urbana, Dines (1986) acredita que não é pelo fato de ser popular que um jornal deva “baixar o nível”, que a função deveria ser justamente oposta.

(...) existem formas de se produzir jornais acessíveis às classes operárias sem recorrer ao crime, à morbidez, ao escândalo. Basta oferecer ao trabalhador aquilo que ele realmente deseja em seu jornal, sem demagogia, mas também sem nada subtrair-lhe. (DINES, 1996, p.39)

Dines avalia os jornais especializados em polícia, chamados de “sangrentos e sensacionalistas”, são substitutos forçados de publicações voltadas à população de baixa renda, “não pode ser verdadeiramente popular”. Enquanto eles tentam conquistar o maior número de leitores possível por meio da exposição da violência, perdem seus papéis de formadores.

O jornalismo, por ser uma atividade essencialmente intelectual, pressupõe no seu exercício uma série de valores morais e éticos. Sabe-se que o processo de informar é um processo formador, portanto, o jornalista, em última análise, é um educador. (DINES, 1986, p. 118)

## **1.1 – O popular sangrento**

Alguns jornais populares saem do caráter apenas “popularesco” e partem para uma versão considerada mais “atrativa”, trabalhada em cima do sensacionalismo. Agrimani (1995) aponta que este jornal se difere dos demais por uma cadeia de motivos específicos, entre eles, a valorização editorial da violência: o assassinato, o suicídio, o estupro, a vingança, a briga, as situações conflitantes, as diversas formas de agressão sexual, tortura, intimidação.

Agrimani considera que o sensacionalismo, ainda que em diferentes épocas com novos costumes, valores e ideologias, no decorrer de vários anos, continua com um espaço reservado dentro dos veículos de informação. E esse sensacionalismo é profundamente ligado ao homicídio, à morte e ao sangue, que representam essa imprensa.

A morte relatada pelo jornal sensacionalista é diferente da morte comum, essa que envolve sofrimento, saudades, choque, traumatismo, dor, angústia, separação. A morte no jornal a sensação é perturbadora, porque a imagem do cadáver impressiona, mas ao mesmo tempo atua no sentido inverso: “mata” o outro e “preserva” o leitor. A morte não só é “saboreada como espetáculo”, mas aparece como ato simbólico que garante a integridade do leitor. (AGRIMANI, 1995, p.57)

Isso é o que Jeudy (2001) chamaria de “o espetáculo da tragédia,” que segundo ele, apreende a atenção pública por alguns dias. O leitor é atraído pela morte, pela exibição daquilo que lhe é chocante, para depois de certo tempo virar apenas lembrança. Não lhe dá espaço para pensamento, discussão ou reflexão. Tem efeito imediato.

Esta “mórbida” preferência do leitor é avaliada por Agrimani, como fetiche. Segundo ele, o público deste tipo de publicação é de baixo nível cultural, “mais próximos dos extintos e suas manifestações”. Para ele, esta forma de publicação estende um acontecimento “geral e cotidiano”, culminando com a reprodução da violência.

(...)a morte é estímulo de venda para jornal sensacionalista, que faz com que o leitor saia de sua casa, atravesse a rua e vá até o jornaleiro comprar um jornal que traz em suas páginas cadáveres perfurados com bala, decepados, atropelados, perfurados, ensangüentados. (AGRIMANI, p.53)

Agrimani acredita que, ao valorizar a notícia tradutora do fato violento, o jornal sensacionalista está apenas alimentando o desejo inconsciente de seu leitor, específico, de ser punidor, ser vítima, assumir o papel de Justiça.

Além disso, o jornal sensacionalista se utiliza de uma linguagem diferente, que o aproxima do leitor. Formas simples, e nada rebuscadas da escrita, termos específicos e gírias para tratar, casos, infratores e assassino (meliante, xilindró, canas...). E não só na linguagem dos textos, mas também na editorial. Essas publicações costumam dar mais destaque às imagens, trazer chamadas mais atrativas, enfim, buscar equilíbrio entre ilustração e texto, além de dar preferência



aos fatos originadas em *fait divers*<sup>2</sup>, em detrimento de temas seriam os estímulo predominante ao jornal informativo comum, como cultura, política e economia.

## 1.2 – A imagem da morte

Para atrair, chocar e tentar ser o mais realista possível, os jornais sensacionalistas vão até as últimas conseqüências. Enquanto a maioria dos impressos prima pelo texto e, em caso de cenas fortes, optam por reproduções de álbuns de família ou infografias, as publicações sensacionalistas, chamada por Agrimani de “espreme que sai sangue”, mostram cada detalhe da causa da morte da vítima. Sangue, órgãos, tripas e até mesmo vermes. Seria o que Marcondes Filho (2002) chamou de imagens que “não demonstram simplesmente, fazem constatar”.

Umberto Eco se pergunta se a prática do terrorismo não parece a filha natural, senão legítima, da ideologia da notícia. (...) Eco responde afirmando que a ideologia da notícia prefere debater-se pelo morto ou pelo monstro na primeira página, que não educa nem o público e nem o jornalista, a debater-se pelo vivo, pelo normal em primeira página. (MARCONDES FILHO, 2002. p.56)

Marcondes Filho (1993) ressalta que o jornalismo “naturalmente” não trabalha com imagens em movimento. Segundo ele, estas visualizações são congeladas, porém com formas ágeis de diagramação, na tentativa de resgatar, de alguma forma, a atenção do público, “viciado em decodificar muito mais imagens visuais que verbais”.

Agrimani analisa que esta forma de se fazer jornalismo, mais atrai o ser humano por instinto do que pelo interesse pela informação. Ele cita Baudrillard para dizer que a morte é espetacularizada, de forma que a onde a execução pública teria uma função ‘moral’, conseqüentemente, “vergonhosa e clandestina”, “onde a morte do outro é ‘saboreada’ como forma de espetáculo”.<sup>3</sup>

Já Freud (in Agrimani, 1995), expõe que as cenas despertam dois instintos opostos: “instintos de vida seriam aqueles que trazem tensões, ‘cuja descarga é

<sup>2</sup> Agrimani considera o *fait divers* como o componente indissociável da imprensa sensacionalista. É uma informação dotada, estruturalmente, de interesse humano, curiosidade, fantasia, impacto, raridade, humor, espetáculo, visando passar ao leitor, a impressão de fato vivenciado no crime, no sexo ou na morte. Edgar Morin, em *L'Esprit du Temps* (Paris, 1962) cita Durrel e define os *fait divers* “bizarrices do comportamento humano, que em comum com o imaginário desperta o desejo de enfrentar a ordem natural, “violam tabus, levar ao limite a lógica das paixões”.

<sup>3</sup> BAUDRILLARD, Jean, *L'Échange Symbolique et la Mort*, Paris, Gallimard, 1976.

sentida como prazer', enquanto que os instintos de morte parecem efetuar silenciosamente seu labor".

Pensamos imediatamente em Bataille e na sua afirmação de que o cadáver impressiona por lembrar aos vivos "a imagem de seu destino". O leitor, então, recebe um choque, imaginando que amanhã poderá ser a vez dele. Mas ao mesmo tempo se produz este impacto (a morte ilustrada, ampliada, por um recurso de linguagem editorial, sensacionalista), vem também o alívio. O jornal atende a uma necessidade inconsciente, onde o cadáver "ilustrado" morre "por procuração", no lugar do leitor. (AGRIMANI, 1995, p.56)

Cristina Bonjardin avalia que a mídia se utiliza do pretexto de mostra a realidade "a vida como ela é", e o faz com munição suficiente para provocar um "desfile de horrores, daquilo que a natureza humana é capaz de produzir de mais sórdido".

(...) o jornal "mata" alguém que o leitor gostaria de ter ele mesmo ter matado (a mulher infiel, o "bandido"); advertência, na acepção de que a morte de alguém representa uma intromissão do superego acessório, socializado pelo meio, que estabelece – indiretamente – regras de comportamento. Ou melhor, relembra continuamente que a regra, a "lei", existe e exige obediência. Caso contrário, o ego será implacavelmente punido, como vai provar este e aquele *fait divers*, que o superego acessório, assumido pelo meio, demonstra ao punir o personagem transgressor e, por procuração, servirá como aviso, como advertência ao ego do leitor. (AGRIMANI, 1995, p. 78)

## 2 - Único especializado em matérias policiais do DF

A idéia de criar um jornal que chamasse atenção dos leitores aos fatos policiais do Distrito Federal, surgiu do sonho do radialista Sílvio Linhares. Desde 1967 trabalhando com notícias policiais, ele queria estender ao impresso, o programa que rádio homônimo que mantêm há 12 anos na rádio Atividade. No programa, Linhares relata as principais ocorrências policiais do Distrito Federal e entorno.

Sílvio Linhares, ex-policia e deputado distrital pelo PMDB é figura conhecida não somente no mundo das notícias, mas em toda a sociedade brasiliense. Os colegas jornalistas o recriminam ou o adoram. Alguns criticam a forma truculenta que com a qual ele consegue as informações e suas relações com o chamado “mundo cão”. Outros acreditam que essa é a verdadeira fórmula do jornalismo policial. As comunidades o têm como uma celebridade. Irônico O radialista já foi membro efetivo das comissões de Constituição e Justiça, de Direitos Humanos e Cidadania, da CPI dos Lotes e Cooperativas e também membro suplente da Comissão de Assuntos Sociais.

O desejo de Linhares em transformar seu programa de rádio em um jornal impresso foi possibilitado com o interesse do filho Fred Linhares e dois colegas de faculdade, Vinícius Elias e Vinícius Brasileiro. Os três, estudantes do curso de Jornalismo, elaboraram o projeto gráfico do jornal. Linhares e Fred conseguiram a verba necessária e em 12 de Outubro de 2005, nasceu o *Na Polícia e Nas Ruas*.

“É um tentáculo do programa de rádio na forma impressa”, observou o editor-chefe do veículo, Miguel dos Anjos <sup>4</sup>. O *Na Polícia e Nas Ruas* é um jornal de caráter Popular, no formato tablóide, semanal. No início, eram apenas 12 páginas, não tão bem formuladas como as de hoje, mas ainda assim atrativas aos olhos do público. Com aumento das vendas e demanda por mais espaço para a informação policial, o informativo ganhou mais quatro páginas, somando 16. As informações são exclusivamente policiais. Assassinatos, roubos, apreensões e ações da polícia do DF, estampam cada página do jornal. Em muitos centímetros de “sangue” e poucos

---

<sup>4</sup> Em entrevista cedida à autora.

de informação escrita, o jornal ficou caracterizado pelas fortes imagens, o que Linhares considera a mais fiel representação da realidade, “sem maquiagem”.

“Sempre tive vontade de passar meu programa para o papel. Tenho uma linguagem própria. Faço o que ninguém faz, xingo bandido. Nenhum órgão, nenhuma empresa aceita o meu estilo. Para eu poder colocar em algum lugar, tinha que ter um espaço meu. As pessoas têm de conviver com a morte como ela é, sem máscaras ou disfarces. O sucesso do jornal é o crime, é a realidade dos fatos”.<sup>5</sup>

## 2.1 – Um Jornal de 30 mil exemplares

A receita feita de sangue fomentou o sucesso do *Na Polícia e Nas Ruas*. Em menos de dois meses a tiragem duplicou de dez para 20 mil exemplares. Fotos que chamam a atenção e, ao mesmo, provocam o repúdio, chocam, mas atraem os leitores. Corpos estendidos no chão “rasgados” em uma capa de jornal, cobertos de sangue, esquartejados, espancados, alvejados de balas, entre outros. Seria o que Sílvio Linhares chama de “a verdade dos fatos como ninguém tem a coragem de mostrar”. Fórmula que deu certo. Em menos de seis meses, a receita transformou o *Na Polícia e Nas Ruas* em sucesso de vendas. As edições semanais já chegaram a vender 30 mil exemplares. Em algumas edições foi necessário rodar uma tiragem maior que o normal para atender a demanda, em algumas até três mil a mais<sup>6</sup>.

O vice-presidente do jornal, Fred Linhares, calcula que, as poucas vezes em que há encalhe de jornal, não passam de 10% do total de exemplares rodados. O jornal, segundo ele se sustenta pelas vendas, fenômeno admirável que raramente ocorre com os impressos no Brasil<sup>7</sup>. E isso pode ser comprovado nas páginas do impresso. O espaço para publicidade é pouco no jornal e em muitos exemplares, o número de anúncios não passam de três. De acordo com Fred, além de o jornal não precisar, um anunciante paga caro para aparecer nas páginas do jornal. “Um

---

<sup>5</sup> Em entrevista cedida à autora

<sup>6</sup> Nesta edição, foi estampado na capa, a foto de um rotweiler morto após dilacerar seu dono em um ataque. Segundo os diagramadores do jornal, a exposição de um corpo diferentes dos que sempre são mostrados pelo impresso atraiu a atenção dos leitores. Além disso, eles afirmam que a curiosidade pelo estado da vítima atacada pelo animal, também despertou o interesse no público.

<sup>7</sup> Em entrevista cedida à autora.

anúncio pequeno varia entre R\$ 1,2 mil e R\$ 1,5 mil. Não procuramos publicidade e também não aceitamos qualquer tipo de propaganda”.

Sílvio Linhares disse, inclusive, em entrevista para este trabalho, que já recusou uma proposta de R\$ 15 mil para colocar fotos de mulher pelada no jornal. “Não aceito, é muita baixaria”.

Fato este admirável, uma vez que, lembrado por Dines (1986), que diz que se construiu a “indústria da imprensa”, sustentada por grandes empresas e pela publicidade. O pequeno veículo sensacionalista contradiz essas regras do mercado da informação. “Meu negócio é colocar material nas bancas, na rua. E não viver na dependência de um anunciante”.<sup>8</sup>

O *Na Polícia e Nas Ruas* teve aumento tão significativos nas vendas que aumentou até o preço. De R\$ 0,50 para R\$ 1,00. Fred diz que precisou mudar o valor porque o jornal é impresso no parque gráfico de outro jornal popular, o *Tribuna do Brasil*<sup>9</sup>. Segundo ele, o *Tribuna* estaria vendendo menos que o jornal e queria “diminuir” a diferença.

A equipe, formada por 30 pessoas, divididas entre produção, administração e distribuição, trabalha em uma mini-redação, montada na casa do próprio Sílvio Linhares. Entre os profissionais, apenas o editor-chefe, Miguel dos Anjos possui formação em Jornalismo. Sílvio e outros dois repórteres são radialistas, três estudantes de Jornalismo trabalham com a diagramação, mais três fazem as fotos, e o restante se divide na parte administrativa e distribuição. São três computadores, quatro rádio-escutas sintonizados na frequência da Polícia Militar, Polícia Civil, Corpo de Bombeiros e Instituto de Criminalística, um dos fatores que garante a Linhares e sua equipe, exclusividade e preferência nas informações. Cada repórter, que também produz as matérias para o programa de rádio é responsável por uma região que consiste nas Regiões Administrativas do DF e Entorno.

Ao cobrir a brecha deixada pelos outros jornais locais o *Na Polícia e Nas Ruas*, com uma linguagem mais popular, que aproxima o leitor dos criminosos, da cena, sem procurar palavras rebuscadas e ao contrário, optando pelas gírias e

<sup>8</sup> Sílvio Linhares diz que baseia os anúncios do jornal pelos do programa de rádio. Segundo ele, é cobrado, por cada inserção, R\$ 300, enquanto outros cobram R\$ 25. Para ele, o preço que ele cobra, valoriza mais o espaço, mas evita depender de publicidade.

<sup>9</sup> Veículo impresso do Distrito Federal que trata de assuntos diversos como Cidades, Brasil, Cultura, Política, entre outros, vendido pelo mesmo preço de *Na Polícia e Nas Ruas* (R\$ 1,00). O jornal vende cerca de três mil exemplares por edição e também lançou um jornal ainda mais popular chamado *Agora*, no valor de R\$ 0,25. Fred diz que a gráfica do jornal aumentou o valor da impressão de R\$ 2,5 mil para R\$ 6 mil, o que culminou no aumento do preço do *Na Polícia e Nas Ruas*.

palavras usadas no chamado “mundo cão”, o jornal ganhou espaço entre os leitores e mesmo entre aqueles que nem mesmo se interessariam em ler um jornal comum.

Bancas da cidade de Taguatinga (DF) e gazeteiros na Rodoviária do Plano Piloto, local por onde circulam cerca de 600 mil pessoas por dia, chegam a vender mais de mil exemplares por edição e chegam a sair de mãos vazias de seus postos.

Linhares não vê seu produto como uma grande sacada comercial. Segundo ele, o objetivo é mostrar a criminalidade, aproximar o leitor dos fatos, “que nem tudo são rosas, trabalhar com aquilo que os outros “não têm coragem” de apresentar<sup>10</sup>.

## 2.2 – Os furos

O *Na Polícia e Nas Ruas* ganha exclusividade em casos policiais diversos. A “premiação”, na visão de Sílvia, deve-se ao árduo trabalho da equipe. Enquanto a maioria dos jornais trabalha com horário de fechamento, dependem de motoristas e correm contra o tempo eles, com um jornal semanal, trabalham durante a madrugada, fazem as próprias imagens, saem em seus veículos particulares. “Nos adaptamos ao jornal e não o adaptamos a nós”<sup>11</sup>.

O idealizador do *Na Polícia e Nas Ruas* acredita que o veículo funcione como um meio de investigação, que têm o poder de brigar e cobrar a justiça, os órgãos responsáveis e mostrar a situação da segurança em cada local.

“Eu vejo o meu jornal e o programa de rádio como um chamado do povo. Sou visto como o porta-voz deles. O que mostro ali, no papel impresso, é tudo o que eles gostariam de fazer com o bandido. Não sou um justiceiro, mas eles se sentem realizados ao ver um criminoso preso, morto. É também uma alerta que damos ao bandido, para as famílias, para todo mundo. Eles sabem a forma como vai sair, então vão preferir não fazer”.<sup>12</sup>

Sílvia Linhares é considerado bem relacionado com a polícia, mas ele confessa que não só com eles. “Tenho contatos na comunidade, com famílias de bandidos e até mesmo ex-bandidos. É confiança e muito tempo de trabalho. Mas só me relaciono com bons policiais”.

Para Linhares os relacionamentos com as fontes e a disposição de sua equipe contribuem para os furos na cobertura policial. Ele considera importante ouvir

---

<sup>10</sup> Em entrevista cedida à autora.

<sup>11</sup> Em entrevista cedida à autora.

<sup>12</sup> Em entrevista cedida à autora

todas as versões, mas investigar, o que evita que ele cite o nome de suas fontes depois. Entretanto, o boletim policial prevalece na apuração.

“Jornalismo policial é que nem jogo do bicho, vale o que está escrito. Desde que devidamente comprovado. É importante sim escutar todos os lados. Mas eu escuto apenas os envolvidos na ocorrência. Não vou ficar escutando parente e vizinho que não estiverem envolvidos. Toda rua tem dois lados, prós e contras. Nem tudo vale”<sup>13</sup>

Ele contraria os conceitos de Barcelos acerca da apuração jornalística sobre a obrigação do repórter buscar sempre mais, ir além dos bastidores da notícia, buscar o que não foi mostrado. “A reportagem é o exercício da curiosidade. (...) Quanto mais curioso você for, maior a possibilidade de você descobrir algo interessante” (apud Konopczyk, 2003, p.162).

No “pequeno-grande” semanário um plantonista fica, durante a madrugada ouvindo as rádio-escutas. Se tiver alguma ocorrência ele comunica à pessoa da equipe que estiver mais próxima da região, o que garante a prioridade e a agilidade na informação. Às vezes a própria polícia liga para passar as informações.

---

<sup>13</sup> Sílvia Linhares consegue acessar boletins de ocorrências policiais completos e não apenas a versão resumida como na maioria dos veículos. Nestes B.Os, estão depoimentos das testemunhas, e informações sobre todas as investigações.

### 3 – Um dia com a equipe do *Na Polícia e Nas Ruas*

O ritmo parece tranquilo. Ninguém corre atrás da matéria como nos jornais convencionais. As reuniões de pautas não são fundamentais como na maioria das redações. O trabalho é definido de acordo com os acontecimentos. Orientações, instruções, cronogramas... Nada. Tudo é definido no decorrer da semana, dos fatos.

O único prazo estabelecido é conseguir fechar matérias até domingo, dia em que o jornal é diagramado. Investigação? Essa não é necessária pra o *Na Polícia e Nas Ruas*. O furo vem até o jornal.

As coisas mudam quando o telefone da casa de Sílvio Linhares, onde fica a redação do jornal, toca, ou se há alguma novidade nas escutas, na garagem da residência, onde também funciona a administração do jornal. É desses dois aparelhos que vêm todas as pautas e informações que garantem o sucesso do *Na Polícia e Nas ruas*. Nas frequências da Polícia Militar, Polícia Civil e Corpo de Bombeiros, os plantonistas ficam ligados aos códigos (já conhecidos por eles) e às conversas dos agentes, para não deixar que nada passe sem a apuração da equipe do impresso. Todas as ocorrências passam por ali. E mesmo que não passe, eles terão acesso.

A equipe do *Na Polícia e Nas Ruas* conta com a cooperação dos agentes destes órgãos. A equipe fica pouco na redação, de apenas três computadores. As matérias são, geralmente, enviadas por e-mail, e os repórteres só aparecem para reuniões ou para entregar o material com fotos.

Durante a apuração, um repórter costuma investigar tudo sozinho, relatos, fazer fotos. Nem sempre tem disponibilidade de equipe para dividir o trabalho. Uma pessoa faz todo o trabalho, sempre contando com a colaboração dos agentes de segurança, ou até mesmo dos acusados dos crimes.

Para prevenir, caso algum agente desconhecido esteja recebendo as ocorrências no Centro de Informação e Administração de Dados (CIAD) da Polícia Militar, os plantonistas que ficam ao rádio, também fazem ligações periódicas ao local e pedem as ocorrências de destaque do dia.

Em cada ligação o nome Sílvio Linhares ou até do próprio veículo, *Na Polícia e Nas Ruas*, parece uma espécie de código para a passagem de informações.



Em um jornal comum, a ronda também é feita com periodicidade. A cada hora um repórter liga para o CIAD ou delegacias e Corpo de Bombeiros para saber dos ocorridos. A diferença é que as relações dos jornalistas de outras redações e a da equipe de Sílvio Linhares são diferentes.

As informações a ele passadas são, por muitas vezes, negligenciadas a outros veículos. Para isso, os policiais são recompensados. Em várias edições do jornal, é possível encontrar uma matéria, muitas vezes especial, onde equipes policiais fizeram grandes apreensões, são colocados no papel de heróis e destacados na matéria.

A maioria das ocorrências acontece durante a noite ou na madrugada. Cerca de 90% dos casos são em cidades satélites e envolvem pessoas que já possuem ficha criminal da polícia. *O Na Polícia e Nas Ruas* é quase sempre o primeiro a obter as informações. Os dias de mais movimentação no jornal são as madrugadas de sexta e sábado, geralmente dos cinco primeiros dias do mês, já que é nessa época que a maioria dos trabalhadores do DF recebe seus pagamentos e daí ocorrem, brigas assaltos etc.

As tardes de domingo geralmente são tranquilas. A equipe se preocupa mais com a diagramação e a foto de capa. Mas não demora e o telefone toca. É o comandante plantonista do CIAD. “Homicídio duplo no Viaduto Ayrton Senna”, exclama Fred. Os outros jornais ainda não estavam sabendo. Fred liga para o pai, Sílvio, ele dispensa a informação. “Não há mais espaço no jornal e as outras matérias são mais fortes, melhores”, avalia. O jornal da terça está praticamente pronto, falta apenas um dos repórteres envia as fotos da capa, mais um assassinato em uma cidade satélite.

Os diagramadores opinam, mas quem escolhe a capa é Sílvio. “Hoje eu quero ferrar com aquele policial porque os colegas dele estão todos revoltados. Separa o material”. E a capa é trocada.<sup>14</sup>

### 3.1 – Cobertura

O radialista Wagner Abrão, conhecido como Relâmpago cobre a região que engloba Asa Sul, Núcleo Bandeirante, Samambaia, Riacho Fundo, Santa Maria,

---

<sup>14</sup> 32ª Edição que conta a história de um policial “rebelde”, que matou o vizinho, quando este foi fazer uma reclamação. Sílvio Linhares disse que os outros policiais não gostavam dele e pediam no rádio para que ele fosse punido, por sempre ter abusado da autoridade, até com os próprios colegas.

Recanto das Emas e Gama. Na profissão há dez anos, ele já trabalha há quatro com Sílvio Linhares. Wagner conta que a equipe tem um bom "trânsito" entre os policiais, e que a troca de favores é uma prática comum entre ambos.

Ganhamos credibilidade com eles. Sempre nos dão uma dica ou algo assim. É um elo que não podemos quebrar. Mas eles também querem aparecer. Publicamos as grandes apreensões e crimes dos quais ele ganham méritos ao desvendar. Coloca um foto aqui, outra ali e tá tudo certo. Em alguns lugares, onde não podemos entrar para fazer imagens ou conseguir informação, eles, como autoridades os fazem para nós.<sup>15</sup>

Como não fica sempre na redação, Wagner carrega sempre um rádio sintonizado na frequência das delegacias da região que cobre. "Sou praticamente casado com esse aparelho. Durmo e acordo com ele do meu lado", brinca. O radialista afirma que isso garante o furo ao jornal. Para o *Na Polícia e Nas Ruas* a matéria geralmente, só será publicada se o corpo da vítima ainda estiver no local. "Ou se a história for boa e exclusiva. Quando o cara morre no hospital não rende, não dá foto. Então não tem matéria".

Wagner diz que a equipe do *Na Polícia e Nas Ruas* se diferencia das demais porque não faz o papel de jornalista. "O jornalista se distancia, vê por fora. Nós não. Nos aproximamos, conhecemos, damos apoio", conta. As apurações são totalmente embasadas no boletim policial. Sílvio Linhares diz que a partir dele é feita uma investigação. "O jornalismo policial é investigativo".<sup>16</sup> Sílvio é o tipo de pessoa reconhecida em todos os lugares. Se não for reconhecido, basta falar o nome para poder receber a regalias "que tem direito". Sílvio entra em qualquer delegacia sem pedir licença, tem acesso a documentos que ninguém mais consegue, e diferente de qualquer outro cidadão, trata os agente, delegados, e juízes com intimidade, ironia e até arrogância. Ele chega nesses lugares como se fosse mais um policial. Em alguns casos, aos quais acessa as investigações, Sílvio chega até mesmo a escolher os agentes que formarão a equipe para operações.

Comigo não tem essa história de autoridade não. Mas leva tempo pra conseguir isso. Não sou amigo de freqüentar a casa e nem nada, mas mantenho um relacionamento bom. Outro dia um policial de uma corporação foi pego com três latas de merla. Eu liguei para o comandante,

<sup>15</sup> Wagner lembra que alguns familiares de vítimas não deixam a equipe do jornal se aproximar do corpo, ou às vezes eles são proibidos de entrar em estabelecimentos e casas para conseguir apurar. Assim, entregam câmera aos policiais e pedem que colem alguma informação.

<sup>16</sup> Contudo, as informações da polícia tem mais credibilidade na avaliação do jornal e são sempre usadas como as fontes principais.

falei o que tava acontecendo. Era muito pouco para eu perder a confiança de uma fonte. Não publiquei e ele continuou me ajudando nas apurações. O caso seria mínimo para o jornal. Ele poderia me arrumar maiores. Prefiro não publicar.<sup>17</sup>

### 3.2 – Relações

Silvio Linhares não recebe apenas ligações de agentes informando alguma ocorrência. Constantemente, delegados, juízes e até pessoas ligadas ao crime ligam para ele, inclusive para que ajude na apuração de algum caso. Ele conta que chegou a ficar uma madrugada inteira ajudando na apuração de um crime, com a garantia de exclusividade. Ao fim, o pai do autor de um assassinato ligou para o celular pessoal de Sílvio Linhares, dizendo que o filho se entregaria, mas somente ao radialista. “O cara acreditava que eu era a garantia da segurança dele. Tinha medo de se entregar só para a polícia”.

O famoso radialista tem um tratamento para cada bandido. Ele chega a segurá-los para “posarem” para as fotos. Ao estilo Truman Capote<sup>18</sup>, Linhares não costuma anotar cada palavra falada, se aproxima do bandido, mostra-se companheiro, pede para retirar as algemas, oferece um cigarro, fazendo com que comece a falar. Em outros é truculento, briga, xinga, é irônico, mas não admite que bate no calor do momento para conseguir a confissão ou detalhes do crime.

Linhares pega o celular, liga para um juiz. O juiz reconhece o número e já atende como se fosse um velho amigo. Linhares relata um caso. Ele conta que o bandido vai se entregar. O juiz pede mais informações, troca outra com ele, brinca no telefone, e pede para manter contato. Eles se despedem e Linhares sorri com mais um furo para o jornal.

Bandido tem que receber tratamento de bandido. E eu faço isso. Mostro sem máscaras, brigo, xingo, uso uma linguagem própria, entendida apenas no submundo, para eles verem que eu sei do que estão falando. São anos de experiência. Não é fácil chegar onde cheguei. Vivo isso todos os dias. Cultivei fontes à minha maneira. Mas sei respeitar e não publicar informações em dadas *off*, ou que me façam perder minha credibilidade. Não tiro bandido da cadeia. Tenho um estilo próprio e minha maneira de conseguir o que quero.<sup>19</sup>

<sup>17</sup> Sílvio Linhares e Wagner afirma que sempre seguram informações para ter uma defesa caso seja necessário, até mesmo para ocasiões em que são ameaçados de processo.

<sup>18</sup> CAPOTE, Truman. A sangue frio. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

<sup>19</sup> Em palestra à uma turma de Jornalismo.

#### 4 – Muitos centímetros de sangue e pouco de informação

Nas 16 páginas de *Na Polícia e Nas Ruas* o leitor encontra um texto curto e bastante imagem. O layout do jornal, em preto e vermelho, não é muito rebuscado, mas o suficiente para destacar suas fotos com muitos corpos e pouco sangue. Sem infografias, box ou qualquer tipo de arte, o material leva aos leitores o fato de maneira forte e direta. A idéia não é fazê-lo entender, mas ir certo ao ponto: a morte.

O investimento vai todo na aparência mórbida do jornal. As cores preta, vermelha e branca são usadas na diagramação pra atrair o leitor e valorizar as fotos. As manchetes, sensacionalistas, visam despertar a curiosidade. Como avalia Marcondes Filho (1989), do contrário, a notícia seria “seria árida e sem graça, como no *Diário Oficial*. Este, entretanto, não é jornalismo, mas um veículo de notificação oficial. Jornalismo, ao contrário, trabalha o fato e constrói, a partir dele, um outro mundo”. No caso do *Na Polícia e Nas Ruas*, um mundo sangrento às claras.

As imagens têm muito mais valor que o texto, nem sempre revisado e disposto de forma da página que destaque ainda mais a foto. Em quatro edições avaliadas – números 27, 28, 29 e 30 – Foram encontrados casos diversos. Na maioria, homens, de classes mais D e E, entre 20 e 40 anos. Nem todos são bandidos, mas mortos de maneira brutal. Algumas matérias sobre apreensões de drogas e armas, feitas pela polícia especializada, “amenizam” um pouco o peso dos corpos espalhados pelas páginas do jornal e garante a Linhares e sua equipe o bom relacionamento com os órgãos de segurança pública. Tanto que no Editorial da edição 27, o impresso assume sua posição e declara: “O *Na Polícia e Nas Ruas* acompanha o trabalho efetivo das polícias em nossa cidade”.

Nesta mesma edição, sete corpos são estampados nas páginas, além de uma matéria sobre confusão provocada por pessoas alcoolizadas em um bar, outra conta a história de um assaltante de taxistas, uma sobre a mãe que identificou o filho que apareceu em uma das edições anteriores com o rosto desfigurado, que não havia sido reconhecido pela polícia, uma sobre repressão ao tráfico e uma especial, de duas páginas sobre apreensão de maconha feita pela Polícia Civil.

Em todas as matérias a imagem vence o texto. Na especial “Operação da polícia apreende 1,3 tonelada de maconha escondida em caminhão”, uma foto da equipe é “rasgada” em duas páginas, rodeada de mais seis, e apenas duas colunas

de texto, sem nenhum depoimento ou informação aquém da apreensão, somente relatando a operação.

A matéria de capa, que estampa um professor morto com um tiro no pescoço, está em uma das últimas páginas. Apurada e escrita por Sílvio Linhares, ela conta somente o crime e as hipóteses da polícia, que ainda não tinha suspeitos no caso. Linhares já inicia a matéria, provocando certo desgosto, ou desânimo, nos leitores. Moradores do Paranoá (DF). “Mais um homicídio no Paranoá durante o último fim de semana”. Uma testemunha do caso foi ouvida pela polícia, e não pela reportagem. Ainda assim, o nome dela foi divulgado e seu relato colocado nas páginas do jornal. A única aspa da matéria, que ocupa três linhas, é de um policial envolvido na investigação: “É a partir dessa testemunha que poderemos traçar uma linha de investigação para o crime”. Informação dispensável nas aspás, por ser óbvia, que poderia ter sido substituída por outra. Em momento nenhum há uma referência do professor feita por amigos, conhecidos, familiares e até mesmo inimigos. Não há nenhuma investigação por parte da equipe de reportagem para fazer um levantamento dos relatos, histórias, entre outras coisas que dêem uma explicação ou contexto para a história. Ismair Silva Costa, 29 anos, professor, negro, morador de uma das regiões pobres do DF, é colocado apenas como mais um corpo no jornal. Como se não tivesse uma vida, uma história, estampado no jornal da mesma forma que bandidos e criminosos com enredos diferentes, mas destinos semelhantes.

Assim como o professo, os outros seis corpos estampados nas páginas da edição nº. 27 do *Na Polícia e Nas Ruas* são de origem negra, parda, e todas de baixa renda. Entre ele um morador de rua, negro, idade não informada (“Negou cachaça e acabou assassinado”), um jovem negro de 24 anos (“6ª DP esclarece crime no Del Lago”), um vigia de canteiro de obras, pardo, 36 anos (“Vigilantes Assassinado no Ciosp”), um morador da Ceilândia, de 21 anos, negro (“Morto na pracinha da QNP Norte”), um pintor, de 40 anos, pardo (“Enforcado com cadarço do tênis”) e outro jovem negro, de 25 anos (“Árabia elimina Boca de Peixe”).

Na edição seguinte, mais corpos. São onze no total. São acertos de contas, vítimas ao acaso, briga por mulher e drogas. Na avaliação, sete negros. Destes uma mulher. Entre os outros, uma criança e uma mãe, assassinados pelo pai da família. Esta é a matéria especial da semana. Dessa vez, mãe e filho foram mostrados apenas em fotos 3x4. O assassino - suicida, o pai, é estampado, mas, um pouco

diferente dos outros corpos que aparecem no jornal, mas ainda assim, com muito sensacionalismo e muito sangue. O Fato de ser um crime mais chocante, envolvendo pessoas de classe média baixa, acabou influenciando no texto. Na avaliação das quatro edições, esta foi a única matéria além do boletim de ocorrências, que teve grande repercussão em toda a mídia. O *Na Polícia e Nas Ruas* buscou a história da família, parentes, amigos e relatou a história com mais detalhes, rica em aspas e emoção. Logo no subtítulo: “O crime abalou amigos e funcionários do colégio na QNO 4/6 na Ceilândia Norte. Ninguém poderia imaginar um desfecho trágico de uma relação terminada há cinco anos”.

O corpo da mulher negra morta na Rodoviária do Plano Piloto também aparece em uma foto de 286 cm, para 182 de texto. A matéria que relata a prisão da autora do crime e ganhou duas páginas. Na segunda página, são três colunas e meia de imagem, para uma e meia de texto. Sem detalhes. Apenas o relato de um policial que diz ter tentado impedir, da autora do crime, segundo a polícia e da própria polícia. Nenhuma investigação a mais ou questionamento. Apenas um comentário de duas moradoras de rua ao verem o corpo.

A matéria da capa conta a história de um carpinteiro, de 33 anos, morto a tiros. O material relata que o rapaz de 33 anos, negro, morador do Paranoá, pode ter morrido, segundo a polícia por engano. Em 285 cm de uma imagem sangrenta e 120 de um texto mal apurado, Linhares conta, mais uma vez, a versão da polícia. Ainda que o irmão da vítima tenha relatado aos agentes que acreditava que o irmão tivesse morrido em seu lugar, a história não foi apurada. A história tem tom de boletim de. “O irmão da vítima estava muito nervoso e foi obrigado pelos policiais a se retirar do local porque estava tumultuando o trabalho da polícia”, diz a matéria.

A 29ª edição foi considerada de uma semana fraca para o jornal. Sem “muito sangue” para mostrar, o jornal decidiu colocar dois corpos na capa. Ao folhear as páginas, encontram-se mais casos de apreensão e que divulgam o trabalho da polícia que homicídios e outros crimes. Para chamar atenção, uma das chamadas da capa brinca com a linguagem usada por policiais para definir criminosos de classe mais alta: “Filhinhos de papai integrava família presa pela DRR”.<sup>20</sup>

---

<sup>20</sup> Delegacia de Repressão a Roubo

Para não deixar as vendas caírem em uma edição “mais light”, os textos são irônicos. “Fim da linha para a quadrilha especializada em assaltos a postos de conveniência do Banco de Brasília (BRB)”, inicia a matéria.

São seis corpos “apenas”. Com isso o jornal vende menos, segundo Linhares. O jeito é apelar para a brincadeira: “Aposentado ‘passa a perna’ em ladrão”. O maior número das vítimas apresentadas ainda é de negros de baixa renda. Mais uma vez um morador de rua. Quem fecha o jornal e pensa que acabou, se depara com uma foto rasgada em quatro colunas da página e apenas uma de texto. Aos 69 anos de idade, Manuel Francisco estava na página do jornal, semi-nu, morto a pauladas, irreconhecível. Para comparar, foi colocada uma foto 3x4 no canto da maior. “Ainda segundo os peritos, o **cadáver** do morador de rua estava nu da cintura para baixo”, registra o jornal. O jornal continuou no relato policial, sem ir além das investigações. E para não deixar os leitores “pena” do pobre senhor ele feche: “O andarilho tinha passagens por lesão corporal e um mandato de prisão”.

Após estampar uma moradora de rua em uma de suas páginas na edição nº. 28, o jornal decidiu colocar outra na capa, da edição nº. 30: “Garota da noite executada”. A matéria é referente a uma garota de programa encontrada morta em um matagal. Um dos motivos para a publicação é que a polícia não demorou a apreender o assassino. É o que diria o velho ditado: “dois coelhos com uma cajadada só” um corpo na capa e um agrado à polícia. No interior do jornal, a foto da vítima mais uma vez ocupa espaço maior que o texto. As quatro colunas mostram a imagem da jovem, de 18 anos, dessa vez com a blusa abaixada, para mostrar a marca do tiro. Um mosaico foi colocado na tentativa de cobrir os seios. Na matéria, nenhuma aspa, nenhum lato. Apenas os fatos constatados pela polícia.

As mortes registradas diminuíram nesta edição. Foram cinco, Porém as fotos são as mais chocantes. Na Especial, um caseiro com a face desfigurada. Na página três, um homem esfaqueado, cujo intestino ficou exposto. “Joarez chamou o ‘amigo’ de corno e pela ofensa foi assassinado”, diz o subtítulo da matéria. As operações da polícia como operações e apreensão ganharam mais espaço, “na falta de cadáver”, para apresentar. São títulos como “Peixes ‘facinhos’ de pegar”, “Tragédia bate a porta” e “Casal pego de surpresa”, sempre se baseando nos relatos policiais, negligenciando a voz dos envolvidos, contextos e histórias.



## 5 – A tragédia como matéria-prima

Sílvio Linhares diz que seu jornal é uma forma de denunciar a violência no país e cobrar uma atitude. Ele não acredita que as publicações reduzam a criminalidade, mas que contribui.

“Mostro o que está acontecendo da forma mais real, e eles vão ter de ver que algo precisa ser feito, Porém a aplicabilidade de nossas leis é falha e não existe um projeto de recuperação dos criminosos. Ele volta para a rua e faz tudo de novo”.<sup>21</sup>

As capas, como dito no capítulo anterior, estampadas em grande parte por homens, negros de classes mais baixas, não pregam o preconceito segundo Sílvio Linhares. “Não tenho culpa se é a realidade. Eles realmente estão cometendo mais crimes”, avalia.

Pelas estatísticas, o *Na Polícia e Nas Ruas* ainda terá muita matéria a ser publicada e não vai acabar pela falta de pautas. A criminalidade no País aumentou. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontam que, apenas no quesito homicídios, em 20 anos cerca de 600 mil brasileiros foram assassinados. O DF ocupa a quinta posição da lista. De cada cem mil habitantes da unidade da federação, 112,7 morreram por arma de fogo.<sup>22</sup>

Em 20 anos, houve aumento de 187%, no número de homicídio no DF. De acordo com a estatística o DF está em 12º lugar entre cidades mais violentas. A Região Administrativa (R.A) do mais violenta do DF é o Paranoá. Nela, a taxa de homicídio em 2000 é 54,1 homicídios para cada 100 mil habitantes. A menos violenta é o Cruzeiro com 5,9 homicídios para cada 100 mil habitantes.<sup>23</sup>

<sup>21</sup> Sílvio Linhares refere-se a programas que atendam ao presidiário e à família, uma vez que ele sai da prisão e volta ainda mais desestruturado. “Ele não tem como ganhar dinheiro então volta a cometer delitos”.

<sup>22</sup> Os dados foram publicados em reportagem do jornal O Globo em 14/04/2004. A matéria diz que no período de 20 anos, 1980 a 2000, a taxa subiu 130%. Cerca de 600 mil brasileiros foram assassinados. São 30 mil vítimas por ano, número três vezes maior que a quantidade de mortos civis em um ano de guerra no Iraque. As principais vítimas são os jovens. Os dados são da Síntese de Indicadores Sociais, pesquisa divulgada pelo IBGE. “O IBGE informa também que, de 1980 a 2000, dois milhões de pessoas morreram por causas violentas — homicídio, suicídio, acidentes e outras causas não naturais — no país. O número corresponde, por exemplo, às populações de Brasília (2.051.146) e Fortaleza (2.141.402) e de países como a Eslovênia e o Kuwait.”

<sup>23</sup> A violência no DF já é equivalente a de grandes capitais brasileiras. Os números são resultado da estudo *A demografia da Violência no DF – Evolução e Características* da professora do Departamento de Estatística (EST) da Universidade de Brasília (UnB), Ana Maria Nogales Vasconcelos. “Os dados trabalhados na pesquisa foram fornecidos pelo Ministério da Saúde, a partir dos relatórios repassados pelo Instituto Médico Legal (IML) do DF. O ano 2001 é o último ano analisado, pois as estatísticas fornecidas pelas secretarias estaduais de



Dividindo as regiões em grupos, de acordo com a renda, os homicídios concentram-se naqueles onde o rendimento médio mensal é menor, ou seja, nas classes mais baixas. Regiões cujos moradores têm remuneração média de 30 salários mínimos mensais são menos violentas. O espaço reúne Lago Sul, Lago Norte, Plano Piloto e Cruzeiro, onde a taxa de homicídios é de 12/100 mil habitantes.

A área onde se situam Núcleo Bandeirante, Guará, Taguatinga, Sobradinho, Candangolândia, Gama e São Sebastião, com moradores de renda média de oito salários mínimos, fica em segundo lugar. São 25,9 homicídios para cada 100 mil habitantes, quase o dobro.

A terceira região, compreendida por Riacho Fundo, Ceilândia, Brazlândia, Paranoá, Planaltina, Santa Maria, Samambaia e Recanto das Emas reúnem os indivíduos que ganham menos que quatro salários mínimos. Tem a taxa de morte por homicídio mais elevada: 42,2/100 mil habitantes.<sup>24</sup>

Já no caso das vítimas, as estatísticas revelam que a maioria é de jovens. Estudos de 1999 a 2001 apontam que metade das vítimas tinha menos de 25 anos. Apenas em 2000, foram 127 jovens mortos para cada 100 mil habitantes, na faixa de 15 e 19 anos. Enquanto em 1980, esse mesmo dado era de 19 jovens para cada 100 mil. Cerca de 45% das pessoas que morreram entre 1999 e 2001 por homicídio têm entre 15 e 24 anos. E, uma parcela de 33% está na faixa de 25 a 39 anos.<sup>25</sup>

O sexo masculino predomina: 92,7% das vítimas de homicídio são homens. As mulheres são atingidas em apenas 7,1%. Em 0,1% das vítimas o sexo foi ignorado. Ou seja, a cada 13 óbitos masculinos, morre uma pessoa do sexo feminino. Outro dado revela que 79% das vítimas são solteiras e 14% casadas.

Nas estatísticas, as armas de fogo foram as grandes responsáveis pelos homicídios. Elas estavam presentes em 71% dos atos violentos. Somente 17% dos crimes se deram com a arma branca – faca, canivete e outros objetos cortantes. Elas foram mais utilizadas em vítimas com idade entre 15 e 24 anos, do sexo masculino. Já as armas brancas, em vítimas com idade maior de 30 anos e do sexo feminino.

---

Segurança Pública (outro órgão que teria dados sobre homicídios), além de não utilizarem os mesmos critérios que o IML”.

<sup>24</sup> *ibidem*

<sup>25</sup> *ibidem*

## 6 – Ética e profissionalismo

Mesmo com tanto sangue e exposição, o *Na Polícia e Nas Ruas* não sofreu nenhuma “retaliação”. Segundo Silvio Linhares, foi chamada a atenção, pelo sindicato dos Jornalistas do DF, apenas uma vez. “Quando estampamos na capa uma pessoa da classe média, no caso do professor do Instituto de Ensino Superior de Brasília (Iesb)”.<sup>26</sup>

Paulo José Cunha, membro do Conselho de Ética do Sindicato dos Jornalistas do DF, diz que a Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados já entrou com uma representação contra Silvio Linhares e seu filho, vice-presidente do jornal, Fred Linhares.

O jornal NA POLÍCIA E NAS RUAS, presidido pelos Réus, é um verdadeiro atentado contra os direitos da população e, em especial, contra as famílias das vítimas de crimes violentos, afrontando dispositivos da Constituição Federal, por promover a exposição dos corpos das pessoas assassinadas e a humilhação do ser humano, principalmente das camadas mais pobres, num "jornalismo" sensacionalista e que tem como único objetivo a obtenção de lucros financeiros pela exploração da pessoa humana.<sup>27</sup>

Cunha avalia que o *Na Polícia e Nas Ruas* não pode ser chamado de jornal, já que, segundo ele, “não presta o serviço da informação, apenas explora as vítimas”. Ele afirma que o jornal infringe todos os artigos do Código de Ética dos Jornalistas, incluindo o pré-julgamento de pessoas e o monopólio da verdade por meio da valorização do relato policial, sem acrescentar outras versões. O jornalista conclui que o material deveria ser vendido em envelope lacrado, em caso não obedeça às regras, o veículo poderá ser fechado.

(..)afronta semanalmente o princípio da presunção da inocência, que nasce como desdobramento de um outro princípio maior, o do devido processo legal, no qual se insere o direito ao contraditório e à ampla defesa. Este princípio está assegurado no art. 5º, Inciso LVII, da nossa Carta Magna, segundo o qual “ninguém será considerado culpado até o trânsito em julgado da sentença penal condenatória”. Tal dispositivo, em resumo, visa garantir, entre outros direitos, o de liberdade da pessoa humana.<sup>28</sup>

<sup>26</sup> 9ª edição, que conta a história de um professor de direito assassinado pelo marido de uma aluna. O motivo: ciúmes.

<sup>27</sup> Trecho da representação encaminhada ao procurador de Justiça do Ministério Público do Distrito Federal e Territórios.

<sup>28</sup> Ibidem.

A respeito da apuração do jornalista, Cabrini (apud BIAZOTO, 2003) aborda a teoria: "O termo não é redundante? Todo jornalismo não deveria ser investigativo?". Ele disserta sobre o trabalho do jornalista, que, uma vez com os fatos nas mãos deveria checar todos os lados, desconfiar constantemente e ultrapassar as barreiras do oficial. Cabrini considera que maioria do que se é praticado pelos jornalistas do Brasil é o chamado jornalismo de "chapa branca". Para ele, este tipo de profissional se subdivide em: preguiçosos, ingênuos e mal-intencionados. De acordo com Cabrini, as investigações devem ser iniciadas com o trabalho diário.

Assim como Cabrini, Barcellos (apud Konopczyk, 2003) acredita que tudo depende do repórter. "A reportagem é o exercício da curiosidade. (...) Quanto mais curioso você for, maior a possibilidade de você descobrir algo interessante" (Barcelos apud Konopczyk, 2003, p.162).

Neste quesito, Marcondes Filho (1989) disserta que muitos profissionais do jornalismo não sabem se distanciar de suas fontes, ou daqueles que sempre querem estar na mídia. Para Marcondes Filho um verdadeiro jornalista deve ser reconhecido pela independência e isenção, caso contrário, estará fadado à incredibilidade.

(..) não compreenderam ainda o quanto é importante manterem-se distantes e a salvo da influência dos fazedores de notícia". Estes, por obrigação, tudo devem fazer para se aproximar dos homens de imprensa, que, também, por obrigação, devem fugir do convívio extraprofissional. (MARCONDES FILHO, 1989, p. 63)

O *Na Polícia e Nas Ruas* parece ignorar os preceitos básica das Teorias da Comunicação analisados por Wolf no processo de seleção e produção das notícias. Ele abandona os critérios de valores/notícias como: a) Grau e nível hierárquico dos indivíduos envolvidos no acontecimento noticiável. b) Impacto sobre a nação e sobre o interesse nacional. c) Quantidade de pessoas que o acontecimento (de fato ou potencialmente) envolva. d) Relevância e significatividade do acontecimento quanto à evolução futura de uma determinada situação (WOLF, 1999).

"a instabilidade permanente de que trata com as notícias, a eterna falta de tempo e, não raro, de competência, o que torna jornalistas freqüentemente superficiais e incapazes de um tratamento mais denso das matérias cotidianas. E sua desinformação se torna ainda mais flagrante pelo fato de terem de expô-la publicamente todos os dias, pronunciando juízos,

externalizando impressões, transmitindo dados duvidosos, questionáveis ou simplesmente sem fundamento. (MARCONDES FILHO, 2000, p.55,).

### Considerações finais

O fato é que um jornal popular sangrento conseguiu abalar as estruturas e a rotina de uma cidade com sua “apresentação da realidade”. O *Na Polícia e Nas Ruas*, em seis meses, aumentou em cinco vezes sua vendagem, ao se arriscar a mostrar o lado mais “obsuro” da notícia. Crimes e corpos espalhados por um semanário passaram a atrair a atenção de leitores, especialmente os de classes mais baixas. Talvez pelo fato, que segundo o próprio dono do jornal diz, pelo fato de o impresso ser o mais próximo do cotidiano dos integrantes dessa classe, que é obrigada a conviver com a violência em sua forma mais explícita.

Entretanto, como avaliado no presente neste trabalho de pesquisa, não somente a proximidade como também a distância atrai o leitor. O fato de a morte ser o desconhecido convida o leitor, atíça sua curiosidade para saber como é, mesmo que não seja apresentado em sua totalidade. É o fenômeno da feitichização da morte.

Na expressão da morte de um criminoso, o leitor vê sua vingança realizada, sua raiva descontada. Ali, no pedaço de jornal e transporta seus sentimento e desejos mais profundos, retraídos por uma sociedade. A ética da sociedade do cidadão não permite que ele o faça, mas transmite no impresso suas sensações e emoções. O material tem efeito moral. Seja pela sede de vingança de um delinqüente, ou pela sua própria vontade de cometer um crime. É atíçada a adrenalina pelo feito de outrem. “Mata o outro e preserva o leitor”, como avaliou Agrimanni

Sexo, esporte e crime são os coringas de uma espécie de curinga para o jornal popular, sendo mais procurado pelas classes mais baixas, despreparadas para as fatídicas matérias de economia e política, assuntos dos quais não têm o conhecimento necessário para a compreensão.

Com o trunfo do crime e da morte, o *Na Polícia e Nas Ruas* conquistou leitores das regiões mais humildes do DF, além de outros que comprem pela curiosidade, e chegou à vendagem de 30 mil exemplares. Fenômeno curioso uma vez que choca o leitor, mas ao mesmo tempo, o atrai instintivamente.

E a sociedade não se manifesta diante do fato. Já que os estampados são aqueles que ela vê como um problema social, negros e pobres, como comprovado na pesquisa, os mais atingidos pela violência.

Os donos do jornal dizem que têm uma função social. Que ali cobram atitudes. Entretanto, o jornal mais se aproxima de um boletim policial do que de veículo de comunicação que visa informar. O que mais parece o relato de um boletim policial, que usa da tragédia, do sensacionalismo, da rejeição da sociedade pelo indivíduo para se manter, acaba por segregar ainda mais essas classes, consideradas, não apenas mais atingidas pela marginalidade, mas inseridas nela. Fato constatado na avaliação das matérias, onde são ressaltadas infrações e delitos, que também não justificam a exposição. Para isso, fazem uso das relações promíscuas e da valorização do poder da segurança pública para conseguir informações. Deixam de lado contextos e histórias para construir uma verdade absoluta em cima do ocorrido.

Entretanto, é questionado até quando este tipo de publicação continuará atraindo o interesse do público, como avalia o próprio Conselho de Ética da Câmara Legislativa e o Sindicato dos Jornalistas do DF. Eles acreditam que há um limite, uma saturação do ser humano em relação ao trágico, ao crime, que passa a buscar outras visões do mundo, da realidade.

Porém, após sete meses em circulação, o jornal aumenta o número de exemplares em muitas edições a pedido dos leitores e muitos curiosos param ao menos para dar uma folheada nas sangrentas páginas. Pode não ser o futuro ou a salvação do jornalismo impresso, mas é fato que o popular atraiu e ainda atrai o olhar e a atenção dos leitores.

## REFERÊNCIAS

ABRAMO, Cláudio. **A regra do jogo: o jornalismo e a ética do marceneiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

AGRIMANI SOBRINHO, Danilo. **Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa**. São Paulo: Summus, 1995

ASSIZ, Antônio Lúcio Rodrigues. **Um país rico em boas histórias**. In: LOPES, Dirceu Fernandes; PROENÇA, José Luiz (orgs). **Jornalismo Investigativo**. São Paulo: Ed. Publisher Brasil, 2003.

BONJARDIM, Estela Cristina. **O acusado, sua imagem e a mídia**. São Paulo: Max Limonad, 2002.

BLAZOTO, Silmara. **Exercício de psicologia e dedicação**. In: LOPES, Dirceu Fernandes; PROENÇA, José Luiz (orgs). **Jornalismo Investigativo**. São Paulo: Ed. Publisher Brasil, 2003.

CAPOTE, Truman. **A sangue frio**. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

CORNU, Daniel. **Ética da informação**. São Paulo: 1998.

DIMENNSTEIN, Gilberto. **As armadilhas do poder: os bastidores da imprensa**. São Paulo: Summus Editorial, 1990.

DINES, Alberto. **O papel do jornal**. São Paulo: Summus Editorial, 1986.

HERÁCLITO, Edmundo. **A busca da informação confiável**. In: LOPES, Dirceu Fernandes; PROENÇA, José Luiz (orgs). **Jornalismo Investigativo**. São Paulo: Ed. Publisher Brasil, 2003.

JEUDY, Henri-Piere, **A ironia da Comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2001  
KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. São Paulo: Ed Ática, 1995.

KONOPCZYK, Samantha. **Jornalismo ativo**. In: LOPES, Dirceu Fernandes; PROENÇA, José Luiz (orgs). **Jornalismo Investigativo**. São Paulo: Ed. Publisher Brasil, 2003.

LAGE, Nilson. **Ideologia e técnica da notícia**. Petrópolis: Vozes, 1979.

LOPES, Dirceu Fernandes; PROENÇA, José Luiz (orgs). **Jornalismo Investigativo**. São Paulo: Ed. Publisher Brasil, 2003.

MARCONDES FILHO, Ciro. **A saga dos cães perdidos**. São Paulo: Hacker, 2000.

\_\_\_\_\_. **Jornalismo fin-de-siècle**. São Paulo: Página Aberta, 1993.

\_\_\_\_\_. **O capital da notícia:** jornalismo como produção social da segunda natureza. 2. ed. São Paulo: Ática, 1989.

\_\_\_\_\_. **O espelho e a máscara:** o enigma da comunicação no caminho do meio. . ed. São Paulo: Discurso Editorial, 2002.

MERKX, Ângela da Costa Cruz. **Investigação comprometida com o interesse público.** In: LOPES, Dirceu Fernandes; PROENÇA, José Luiz (orgs). **Jornalismo Investigativo.** São Paulo: Ed. Publisher Brasil, 2003.

PERIAGO, Francisco Redondo. **Investigação é fundamental no jornalismo.** In: LOPES, Dirceu Fernandes; PROENÇA, José Luiz (orgs). **Jornalismo Investigativo.** São Paulo: Ed. Publisher Brasil, 2003.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil.** 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

VASCONCELOS, Ana Maria Nogales. Homicídios crescem no DF. Disponível em: <http://www.unb.br/acs/bcopauta/violencia1.htm>. Departamento de Estatística (EST) da Universidade de Brasília (UnB), 2005.

WERNECK, Antonio; OTAVIO, Chico. Violência mata 30 mil por ano no Brasil. Disponível em: <http://clipping.planejamento.gov.br/Noticias.asp?NOTCod=116634>. O Globo, 2004.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação.** 5. ed. Portugal, Lisboa: Presença, 1999.